EDUCAÇÃO: FORMAS ALTERNATIVAS DE ENVOLVER OS ALUNOS EM SALA DE AULA

MARIA ILEIDE ARAUJO MARTINS SILVA

RESUMO:

O presente artigo tem o objetivo geral do trabalho é verificar com formas alternativas de ensinar para envolver os alunos em sala de aula. A educação continua sendo o meio pelo qual o homem adquire conhecimento, se desenvolve e ingressa na vida em sociedade, mas, ela também continua sendo uma forma de mobilidade social, ou seja, aqueles que vão para a escola e conseguem um diploma têm mais chances de encontrar bons empregos e de continuar os seus estudos, sendo que apesar do direito de todos à educação pública, não são todos que conseguem terminar os seus estudos e se inserir na sociedade contemporânea. O que se espera da escola é que seus planos sejam definidos por uma educação para a cidadania global, livre de preconceitos, a qual se dispõe a reconhecer e a valorizar as diferenças, a incompletude, a singularidade dos seres humanos, ideias essenciais para se entender a inclusão.

PALAVRAS-CHAVE: Didática. Educação. Inclusão.

ABSTRACT:

The present article has the general objective of the work is to verify with alternative ways of teaching to involve students in the classroom. Education continues to be the means by which man acquires knowledge, develops and enters life in society, but it also continues to be a form of social mobility, that is, those who go to school and obtain a diploma have more chances to find good jobs and to continue their studies, and despite everyone's right to public education, not everyone manages to finish their studies and integrate into contemporary society. What is expected of the school is that its plans are defined by an education for global citizenship, free of prejudice, which is willing to recognize and value differences, incompleteness, the uniqueness of human beings, essential ideas for understanding the inclusion.

KEYWORDS: Didactic. Education. Inclusion.

INTRODUÇÃO

A Educação na atualidade passa por diversas transformações educacionais, sociais, que impactaram a didática do professor, colocando muitas alternativas para o ensino e aprendizagem da criança. No ato educativo, o professor deve planejar conforme a singularidade da aprendizagem de cada aluno para construção de novos conhecimentos. Deste modo, surgem muitas perspectivas da prática pedagógica, na relação professor-aluno; planejamento escolar; avaliação e a didática do professor.

Bes et al (2020) relata que a educação contemporânea se caracteriza pela busca de uma aprendizagem significativa e para que seja alcançado esse objetivo, a educação se vale de todas as possibilidades metodológicas que tornem o estudante o protagonista do processo de aprendizagem e que o auxiliem a expandir sua capacidade cognitiva e social.

Assim a justificativa do tema é que quando se fala em ensinar, o professor não deve se depender de uma forma, ou material, mas trabalhar com muitas metodologias, ferramentas, para que seja alcançado o objetivo de aprendizagem de cada aluno. A educação é uma diversidade de pessoas, de pensamentos, ideias, que dividem o mesmo espaço na busca de novos conhecimentos.

Como trabalhar com formas alternativas de ensinar para envolver os alunos em sala de aula?

O objetivo geral do trabalho é verificar com formas alternativas de ensinar para envolver os alunos em sala de aula e os objetivos específicos são: Analisar formas didáticas da educação em tempos anteriores; verificar sobre a singularidade educacional e analisar formas alternativas de ensinar para envolver os alunos em sala de aula.

A metodologia do trabalho é a pesquisa bibliográfica, sendo analisado em livros e artigos científicos.

DESENVOLVIMENTO

FORMAS DIDÁTICAS DA EDUCAÇÃO EM TEMPOS ANTERIORES

Segundo Bes et al (2020) a educação tradicional liberal reinou absoluta durante os primeiros séculos de vigência do capitalismo, no qual diante do Liberalismo, todo indivíduo possui as mesmas condições. a escola como mecanismo para o homem se adequar à sociedade vigente, o Liberalismo clássico precisou se adaptar à nova realidade social.

Conforme diz os autores, a educação continua sendo o meio pelo qual o homem adquire conhecimento, se desenvolve e ingressa na vida em sociedade, mas, ela também continua sendo uma forma de mobilidade social, ou seja, aqueles que vão para a escola e conseguem um diploma têm mais chances de encontrar bons empregos e de continuar os seus estudos, sendo que apesar do direito de todos à educação pública, não são todos que conseguem terminar os seus

estudos e se inserir na sociedade contemporânea.

Os principais aspectos da educação tradicional liberal dizem respeito ao processo de aprendizagem conduzido na escola. Afinal, para assegurar que a nova lógica social obtivesse êxito, era necessário oferecer conhecimento cultural. Assim, a partir da educação, deveria ocorrer a mobilidade social, e o homem, de forma individual, poderia conquistar a propriedade privada e o seu lugar na sociedade burguesa. Nesse contexto, era necessário garantir que fossem ensinadas as normas de conduta necessárias para a vida em sociedade: disciplina, respeito e comportamento eram elementos essenciais na dinâmica da educação tradicional liberal (BES et al, 2020, p. 33).

Assim, Hein (2014) coloca que a educação tradicional agia com a certeza de que o ato educativo serviria, necessariamente, para uma reprodução de valores e da cultura da sociedade, onde os problemas começaram e sintomas da disfuncionalidade, como o atraso pelas escolas estarem ligadas ao passado, a falta de capacidade de oferecer instrução, a maneira puramente mecânica com que se promove os estudos, autoritarismo escolar, a não afirmação para relações interpessoais, a falta de conhecimento da realidade e a falta de capacidade da preparação do indivíduo atuar no mundo.

Depois surgem abordagens do pensamento liberal progressista, que conforme Bes et al (2020) A partir desse novo entendimento da educação escolar, também conhecido como "movimento renovador na educação":

Surgem duas tendências pedagógicas: a liberal progressivista, também conhecida como "pragmática", e a liberal não diretiva, ambas funcionando como uma antítese da tendência pedagógica liberal tradicional. Assim, o papel do professor também se reconfigura. Ele passa a ser visto como o mediador da aprendizagem, aquele que organiza e estrutura os ambientes e fórmula os problemas e desafios que os alunos devem solucionar a partir de seus esforços de pesquisa e interação, de modo a desenvolver seu pensamento hipotético e reflexivo (BES et al, 2020, p. 43).

Deste modo, conforme Bes et al (2020) as tendências pedagógicas liberais propõem uma educação capaz de ajustar os estudantes à vida social capitalista, para que possam cumprir os seus papéis sociais de acordo com as suas aptidões.

Os pressupostos da pedagogia liberal tradicional começaram a ser contestados no início do século XX, a partir dos avanços da psicologia e do retorno às bases do Humanismo empreendido pelos intelectuais que atuavam no contexto educacional. Assim, baseado no entendimento ampliado sobre a formação do ser humano, que deveria ocorrer de forma complementar entre intelecto, emoção e relações interpessoais, o psicólogo.

O professor assume, então, a condição de facilitador do processo de aprendizagem, tornando-se um amigo e um apoiador dos feitos de seus alunos, valendo-se do reconhecimento e da confiança mútuos para que os estudantes continuem estimulados a aprender. Nesse modelo, as autoavaliações servem de ferramenta para que os estudantes desenvolvam sua autocrítica e possam, sempre com o apoio, a aceitação e a empatia do professor, ir além, aprimorando suas aptidões (BES et al, 2020, p. 59).

Surge então novos paradigmas educacionais que acompanhavam a teoria da Administração Científica, a tendência pedagógica liberal tecnicista:

O pensamento liberal tecnicista surge no Brasil a partir da década de 1960, acompanhando algumas tendências internacionais das áreas econômicas, políticas e científicas. Tais tendências propõem um novo entendimento para as questões educacionais, encarando a escola como instituição capaz de associar--se ao Estado para a promoção do crescimento e do desenvolvimento das nações, sobretudo daquelas pertencentes ao denominado "Terceiro Mundo", como o Brasil (BES et al, 2020, p. 75).

Bes et al (2020) relata que mais uma tendência pedagógica surge, o movimento da Escola Nova, no qual trouxe contribuições significativas para a compreensão da educação no Brasil, alterando percepções relativas à finalidade da educação, à forma como o ensino se organiza, às questões da didática e, principalmente, ao aluno e às suas capacidades.

Depois surgem os pensadores da natureza progressista, conforme Bes et al (2020) o pensamento progressista na educação se baseia nas teorias fenomenológicas e socioculturais. Ele se manifestou em três grandes correntes: a libertadora, a libertária e a crítico-social dos conteúdos. Cada uma delas propôs maneiras diferentes de conduzir os processos educativos, que deveriam levar à transformação dos indivíduos e da sociedade.

Segundo Bes (2020) os avanços na industrialização e na construção de uma sociedade liberal burguesa promoveram, no século XIX, um movimento de contestação das ideias econômicas e políticas vigentes. Tal movimento almejava a realização de mudanças revolucionárias a partir do socialismo de Marx e Engels.

Assim, em meio às muitas correntes do socialismo que surgiram desde então, os pensadores progressistas voltados à área da educação começaram a contestar a escola que visava a reproduzir os valores da ideologia dominante capitalista. Eles propunham uma educação escolar interativa, cooperati-

va e autogestionária, que acolhesse a todos, sem as distinções de classe social comuns à época, surgindo então as abordagens progressistas libertária e socialista:

Uma das principais características das abordagens progressistas é o fato de se contraporem aos modelos autoritários e diretivos típicos das perspectivas educacionais liberais. Essas perspectivas priorizavam a formação dos alunos para a vida em uma sociedade desigual, a partir do foco em conteúdos e práticas pedagógicas disciplinadoras. Nesse contexto, os estudantes assumiam uma postura passiva e submissa (BES et al, 2020, p. 124).

Já as outras tendências renovadas, libertadoras e crítico-social dos conteúdos são posturas que começam a dar voz aos alunos, compreendendo que eles carregam um conhecimento desde o nascimento, no percurso histórico, sendo reconhecidos como ativos, ao mesmo tempo valorizando o campo social.

A pedagogia histórico-crítica coloca-se, portanto, a serviço da luta pelo socialismo, como um período de transição para o comunismo. Objetiva-se, portanto, a construção de uma sociedade sem classes, com o fim das formas de exploração do homem pelo homem, numa sociedade nova, na qual a democracia passe a ser real e não apenas formal, uma vez que o poder, seja, de fato, exercido pelo povo (SANTOS, 2021, p. 47).

As teorias críticas se fundamentavam na ideia de que a educação deveria formar para a vida como um todo, bem como na noção de que ela deveria considerar o futuro da humanidade. Para isso, a educação precisaria obrigatoriamente levar em conta a realidade presente em cada época histórica, por meio do exercício da reflexão crítica, que poderia trazer o esclarecimento necessário ao ser humano (BES et al, 2020).

Mittler (2007) considera necessário reconhecer as diferenças culturais, a pluralidade das manifestações intelectuais, sociais, afetivas; enfim, precisamos construir uma nova ética escolar, advinda de uma consciência ao mesmo tempo individual e social.

SINGULARIDADE EDUCACIONAL

Segundo Mittler (2007) o que se espera da escola é que seus planos sejam definidos por uma educação para a cidadania global, livre de preconceitos, a qual se dispõe a reconhecer e a valorizar as diferenças, a incompletude, a singularidade dos seres humanos, ideias essenciais para se entender a inclusão.

De acordo com Kramer (2008) almejar uma educação de qualidade para as crianças, com uma proposta pedagógica exige que o educador tenha uma intenção planejada na função de mediadora das aprendizagens educativa, contribuindo para a formação da cidadania (sujeitos críticos, criativos, autônomos, responsáveis, cooperativos, participantes) estando permanentemente voltado para a formação dos educadores que com eles interagem.

Segundo Bes et al (2020) no início do século XX a educação era totalmente diretiva e centralizada no professor, o que seria contraposto pelas ideias da pedagogia não diretiva.

O ensino não diretivo não é aquele que se preocupa com a transmissão da coisa feita, a qual nem sempre é bem aceita. É o que se coloca como um processo que facilita ao grupo e ao indivíduo, a experiência interior. Não imprime direção. Orienta alguém, na busca do aprender, acreditando que cada pessoa tem seu caminho singular. Orienta o outro a aprender-se, pelo conhecimento de si próprio (GASMAN, 1971, p. 33 Apud BES et al, 2020, p. 62).

Deste modo, conforme Bes et al (2020, p. 187) "as práticas pedagógicas não diretivas colocam o aluno no centro do processo de aprendizagem. Para que isso seja possível, a ação docente parte do respeito à individualidade de cada estudante."

Libâneo (2005) considera que aos que se ocupam da educação escolar, das escolas, da aprendizagem dos estudantes, é requerido que façam opções pedagógicas, ou seja, assumam um posicionamento sobre objetivos e modos de promover o desenvolvimento e a aprendizagem de sujeitos inseridos em contextos socioculturais e institucionais concretos.

Silva, Nascimento e Zen (2019) é possível dizer que o ensino passa a exigir um olhar numa perspectiva multidimensional, que o compreenda como uma práxis educativa pedagógica, que considere as contradições e dilemas dos contextos nos quais se realiza, ou seja, uma didática que se faça presente nos cursos de formação de professores, contribuindo para que exerça sua práxis educativa na perspectiva transformadora dos determinantes que dificultam e impedem a finalidade pública e social de seu trabalho docente.

Aprendendo sempre, os professores conseguem atender à diversidade de demandas de seu trabalho, causada pela contínua complexificação do pedagógico. Se até bem poucos anos, a um professor caberia o ofício do ensinar, nas últimas três décadas, sobretudo, este ofício tornou-se ramificado: produzir aulas, cuidar, promover inserção cidadã, propiciar conhecimentos quanto a relações interpessoais, garantir estudos para a inclusão no mundo do trabalho e, principalmente, garantir haver a produção do conhecimento. (LOPES [et al], 2014, p. 181).

A construção do conhecimento exige uma escola mais contextualizada, motivadora, dinâmica e interessante, pois, dessa forma, o aprendizado se torna sinônimo de prazer, de realização e de novas descobertas (SANTOS; SANTOS, OLIVEIRA, 2017, p. 45).

A mudança de paradigmas requer educadores dispostos à mudança por intermédio da inovação, quando o aluno deixa de ser mero espectador e passa a ser ator, pois a participação e a coautoria estão vinculadas à formação de cidadãos responsáveis e comprometidos, que é a exigência da sociedade atual SANTOS; SANTOS, OLIVEIRA, 2017).

As tecnologias digitais têm se configurado como possibilidades constantes de inovação e aprimoramento nos processos educacionais. Sua importância, para além da inserção de ferramentas diversificadas em contextos de educação presencial ou a distância, reside na transformação que tal uso acarreta às metodologias de ensino e aprendizagem e, consequentemente, ao papel tradicionalmente estabelecido, direta ou indiretamente, aos envolvidos no ambiente escolar ou acadêmico (AMARAL, 2014, p. 106).

Desta forma, conforme a autora, a educação, enquanto processo cultural e sócio-histórico, envolve diferentes fatores que passam por perspectivas distintas e complementares sobre o fazer pedagógico.

De acordo com Porto (2017) uma das grandes preocupações da escola é dar conta de todas as áreas do saber, pois ainda não há um núcleo básico de conhecimento e cultura para todos, apesar de serem muitos campos do saber importantes para a formação dos alunos, nem sempre é possível contemplar todos no currículo escolar.

De acordo com Porto (2017) a distribuição da cultura e do conhecimento, nem sempre ocorre de maneira homogênea na população, e muitas vezes o currículo obrigatório e comum a todos não é justo ou adequado quando se refere a oportunidades iguais e desiguais.

Hein (2014) considera que as mais relevantes atrações do mundo contemporâneo, a mais marcante é a afirmação da diversidade étnico-cultural, que trouxe o multiculturalismo com uma tendência teórica e constante no novo contexto, mas ainda este termo permite diferentes interpretações e significados.

Dentro do contexto brasileiro, conforme Hein (2014) apresenta especificidades, singularidades na sua constituição, nos quais o Brasil é culturalmente heterogêneo, formado pelas negociações e conflitos e interesses econômicos, colonialismos, fusões sincréticas, perdas e reconstruções no processo de aculturação.

Serrazes e Correa (2013) relata que a educação escolar dentro da perspectiva do pluralismo deve ser regida por uma base de princípios que contempla a igualdade, não só de acesso, como também de permanência da escola, com a defesa da liberdade como fundamento da prática educativa e cultural, com respeito à diversidade de concepções pedagógicas e qualidade.

Conforme Porto (2017) a democratização da sociedade possibilitou a construção de espaços sociais menos excludentes e o convívio na diversidade, trazendo no novo cenário a inclusão social, passando a ter uma maior preocupação de toda comunidade, de modo que a sociedade foi tornando inclusiva e parte da agenda dos governos.

A pluralidade de culturas, etnias, religiões. visões de mundo e outras dimensões identitárias tem sido cada vez mais reconhecida nos diversos campos da vida contemporânea. (CANEN; MOREIRA, 1999, p. 12).

No campo político, as discussões multiculturais têm incidido sobre a necessidade de ressignificação de conceitos como direitos humanos, democracia e cidadania, de forma a articular, em suas formulações, reivindicações identitárias, afirmação de padrões culturais singulares e garantia de representação política. (CANEN; MOREIRA, 1999, p. 15).

A escola como instituição, também sofre pressões para acompanhar essa nova realidade e para lidar com a diversidade do público a quem deve atender. A inclusão social, portanto, está diretamente relacionada à necessidade de uma inclusão escolar. (PORTO, 2017, p. 120).

Brito (2012) coloca que a educação necessita de sentido, e os educadores precisam acreditar neles mesmos, nos valores que defendem, pois é primordial a formação e a transformação do professor, que deve estar aberto às mudanças, aos novos paradigmas, que os obriga a aceitar as diversidades e as exigências impostas pela sociedade que se comunica pelo universo cultural que está cada vez mais amplo.

2.3 FORMAS ALTERNATIVAS DE ENSINAR PARA ENVOLVER OS ALUNOS EM SALA DE AULA

Conforme Lippe (2015) a didática é uma arte de ensinar e a educação não é um processo solitário, mas coletivo, nos quais a didática dentro do ambiente escolar é composta pelos objetivos, seleção de organização do material, definição da metodologia e como os alunos serão avaliados.

Conforme Bes et al (2020) na educação contemporânea, vem se configurando um novo paradigma educacional, no qual foi se constituindo com o passar das décadas, apropriando-se de tendências pedagógicas dos séculos XIX e XX. Entre elas, destacam-se as tendências socioculturais e as interacionistas, a visão sistêmica, o uso de metodologias ativas e de tecnologias digitais como ferra-

mentas educacionais.

Conforme Chicarino (2016), o diálogo entre educador e educando, assim como o ensino e aprendizagem pela palavra da ação transformadora, constitui uma prática para o potencial para uma educação em direitos humanos, oferecendo às pessoas um espaço de reflexão sobre os seus próprios valores e atitudes, de modo a transformar suas próprias condutas.

Com o advento da internet ao final no século XX, a sociedade contemporânea passou por profundas transformações, as quais repercutiram no novo perfil dos estudantes nas instituições de ensino. As gerações mais recentes, compostas por nativos digitais, têm experimentado em suas ações cotidianas a utilização permanente da internet através de inúmeros recursos multimídia. A multifuncionalidade característica a esses sujeitos leva-nos a repensar o papel da escola e de seus gestos- res frente à presença constante das novas tecnologias (AMARAL, 2014).

A tecnologia ocupou um espaço na sociedade que, em tempos antigos, jamais se imaginava, provocando mudanças na forma de pensar e agir da sociedade contemporânea, que hoje é denominada sociedade da informação/ conhecimento (SANTOS; SANTOS, OLIVEIRA, 2017, p. 19).

Com a evolução constante da tecnologia, as habilidades exigidas pela sociedade são cada vez mais complexas, sendo necessário qualificação, eficiência e a constância do aprender a aprender. Assim, a educação se torna, mais do que nunca, um dos pilares essenciais para o desenvolvimento das novas habilidades exigidas pela sociedade digital (SANTOS; SANTOS, OLIVEIRA, 2017, p. 44).

Diante dessa realidade, a utilização da informática na educação se torna um meio de aproximação do aluno e da escola com esta sociedade digital, proporcionando uma aprendizagem mais significativa e promovendo a cooperação e a colaboração, familiarizando o aluno com os recursos tecnológicos que poderão ser utilizados em outros contextos e realidades (SANTOS; SANTOS, OLIVEIRA, 2017).

As TICs como ferramentas auxiliadoras no processo de ensino e de aprendizagem são um meio e não um fim, assim o educando deve ter a oportunidade de utilizar a tecnologia como suporte para suas descobertas. Para isso, há de se ter consciência de que o professor, no papel de mediador, precisa agregar o recurso tecnológico como estímulo na sua prática pedagógica (SANTOS; SANTOS, OLIVEIRA, 2017).

A tecnologia também propicia a interação social no desenvolvimento da cognição se valendo dos aspectos de sociabilização nos ambientes computacionais de aprendizagem. O desenvolvimento pleno do potencial cognitivo depende da interação social (SANTOS; SANTOS, OLIVEIRA, 2017, p. 46).

Paiva e Silva (2015) então coloca que a tarefa de ensinar a pensar e a aprender a aprender exige do educador o conhecimento de estratégias de ensino e o desenvolvimento de suas próprias competências de pensar, porquanto, se este é incapaz de refletir e planejar sua ação, será impossível aguçar nos alunos a necessidade de aprender.

A adoção de novas tecnologias na área educacional, principalmente daquelas vincula- das à internet, tem mudado a forma de sistematizar e organizar os processos. Hoje, é possível encontrar inúmeras ferramentas que oferecem soluções para problemas (AMARAL, 2014).

Vale ressaltar que, para que haja uma aprendizagem efetiva com o uso da tecnologia, o professor deve ter bem claro seus objetivos e seu plano de aula, tendo consciência de que não é mais o detentor do conhecimento. Ele precisa estar aberto para a troca e a interação com o aluno para que juntos possam traçar o caminho rumo ao conhecimento e à aprendizagem efetivamente significativa (SANTOS; SANTOS, OLIVEIRA, 2017, p. 47).

Tais visões sobre a educação pode levar a observar a partir de um olhar interacionista, fundamental para que possamos analisar as tecnologias digitais e suas possibilidades pedagógicas ao apoio educacional (AMARAL, 2014).

Além das tecnologias digitais, o uso de livros e espaços de leitura como a biblioteca escolar ainda são utilizados e tem grande importância para o ensino/ aprendizagem na escola:

Uma das principais funções da biblioteca escolar é desenvolver projetos e atividades integradas, evitando o fracionamento entre as áreas cientificas, técnicas, artísticas e culturais, salientando suas funções intelectuais, ativas e criativas (AMARAL, 2014).

Além disso, a importância de estimular a aprendizagem e a prática da habilidade da leitura, não somente voltada para as crianças, mas também para os adolescentes e adultos que fazem parte do contexto escolar. A biblioteca deve promover oficinas e espaços para capacitação de mediadores de leitura. Por outro lado, na sua relação com a comunidade, a biblioteca escolar deve ter como um dos focos principais propiciar atividades de desenvolvimento cultural, bem como promover e organizar atividades que desenvolvam a sensibilidade e consciência cultural e social (AMARAL, 2014, p. 64-65).

Amaral (2014) considera que a escola visa à construção da humanidade do educando, pois é pelo processo educacional que o ser humano se atualiza enquanto sujeito histórico em relação ao saber produzido pelo homem em sua progressiva diferenciação do restante da natureza.

Ao passo que, o docente em face ao multiculturalismo, conforme Canen e Moreira (1999) deve enfrentar o desafio aceitar o desprezo na educação, neste sentido, há formação das identidades docentes e discentes em sociedades multiculturais e excludentes que precisam beneficiar-se de projetos curriculares que visem favorecer à construção de uma sociedade mais democrática e mais plural.

Paiva e Silva (2015) relata que no passado, a atuação do docente se restringia a mera transmissão de informações, contudo, na atualidade, em pleno avanço social, esse profissional precisa refletir não somente na ação, mas também sobre a ação, para diagnosticar os dilemas da prática educativa, determinar as metas e entrar com os meios viáveis, no qual é justamente nesse aspecto que entra a didática que, como ciência da educação, subsidia nas escolhas dos recursos adequados.

Conforme Hein (2014) educar para diversidade exige formação em dimensões objetivas e subjetivas, não à parte como querem alguns, mas intrínseca à atividade pedagógica, tornando emergente, dialógica e interpretativa, pois a formação procede de formulação de estratégias e de mecanismos de intervenção, de revisão de valores e atitudes para superação de injustiças, preconceitos e estereótipos.

Assim, fantoches, jogos, materiais variados de papelaria, tudo isso utilizado em uma instância mais básica, são considerados multimeios. Ao assumir um projeto de implantação de educação multimeios em um determinado ambiente educacional, é importantíssimo que seja feito inicialmente um inventário dos recursos disponíveis naquele local para que seja possível saber de quais recursos se dispõe, entender também sobre os espaços disponíveis. E um último e importante detalhe que deve ser previsto é a acessibilidade aos recursos multimeios (FERREIRA, 2014).

Considerar a pluralidade cultural no âmbito da educação e da formação docente implica, portanto, pensar formas de se valorizar e se incorporar as identidades plurais em políticas e práticas curriculares. Implica, também, refletir sobre mecanismos discriminatórios ou silenciadores da pluralidade cultural, que tanto negam voz a diferentes identidades culturais, silenciando manifestações e conflitos culturais, como buscam homogeneizá-las em conformidade com uma perspectiva monocultural. (CANEN; MOREIRA, 1999, p. 1).

Desta forma, Canen e Moreira (1999) relata que o multiculturalismo questiona o conhecimento transmitido nas diversas instâncias produtoras e transmissoras de cultura, identificando etnocentrismos, visões estereotipadas de determinados grupos e buscando aberturas para a incorporação de uma pluralidade de vozes, de formas diversas de se construir e interpretar a realidade, mas, ainda grupos culturais podem agir calados em meio as manifestações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os diferentes momentos culturais e políticos da sociedade brasileira influenciaram a criação de tendências pedagógicas, com contribuições oriundas de movimentos sociais e tendências filosóficas que ajudaram a formar a prática pedagógica no país.

A docência na atualidade sai da figura soberana para uma prática de participação com os alunos, aprendendo de forma coletiva para a sociedade.

A educação passa de uma reprodução de valores e cultura para novas relações interpessoais na construção do conhecimento e na atuação de preparação para o aluno atuar no mundo, utilizando metodologias que incentivam a participação e o empoderamento das pessoas. Estimulando transformações orientadas para anseios humanos da liberdade, justiça, igualdade e felicidade, deixando de ser um processo solitário, mas uma forma coletiva e democrática.

Muitas tecnologias digitais ou espaços educacionais devem estar de acordo com a aprendizagem dos educandos, planejando cada ferramenta para objetivos de aprendizagem.

O professor deve trazer organização e planejamento, constantemente à escolha de uma didática apropriada e eficiente, adequada à realidade da turma e aos conteúdos escolares, respaldando-se, simultaneamente, nas finalidades que pretende alcançar de modo singular.

O exercício de democracia passa na ação pedagógica da escola realçando a subjetividade, assumindo uma cidadania de diversidades sociais. O multiculturalismo rompe a visão homogênea da população, de forma crítica na construção histórica, com perspectiva do pluralismo princípios que contempla a igualdade e a democratização da sociedade, logo, a diversidade está ligada a uma inclusão social e educacional de culturas.

Além disso, o professor deve valorizar nas práticas pedagógicas pluralidade cultural no âmbito da educação, dando voz a diferentes identidades culturais, buscando formações sobre as diferenças multiculturais, fornecendo uma educação atenta à diversidade cultural e à diferença.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Josiane Carolina Soares Ramos do (Org). Fundamentos de apoio educacional [recurso eletrônico] Dados eletrônicos. Porto Alegre : Penso, 2014.

BES, Pablo Rodrigues... [et al.]. Teoria da educação; revisão técnica: Rosemary Trabold Nicácio. Porto Alegre : SAGAH, 2020.

BRITO, Glaucia da Silva. Educação e novas tecnologias. Curitiba: Intersaberes, 2012.

CANEN, Ana; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Reflexões sobre o multiculturalismo na escola e na formação docente. Fortaleza: Educação em debate, 1999.

CHICARINO, Tathiana. Educação em direitos humanos. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2016.

FERREIRA, Armindo Ribeiro. Comunicação e aprendizagem: mecanismos, ferramentas e comunidades digitais. 1. ed. São Paulo: Érica, 2014.

HEIN, Ana Catarina Angeloni. Fundamentos da educação. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2014

KRAMER, Sonia. Professores de educação infantil: gestão e formação. São Paulo: Ática, 2008.

LIBÂNEO, José C. Pedagogia e pedagogos para quê? São Paulo: Cortez Editora (8ª. Edição), 2005.

LIPPE, Eliza Márcia Oliveira. Didática II. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2015.

LOPES, Amélia [et al]. Trabalho Docente e Formação Políticas, Práticas e Investigação: pontes para a mudança. CIIE - Centro de Investigação e Intervenção Educativas, 2014.

PAIVA, Rita dos Impossíveis Dutra de; SILVA, Silvânia Lúcia de Araújo. A importância da didática no processo de ensino e aprendizagem: a prática do professor em foco. Mossoró, RN: Revista Ensino Interdisciplinar, v. 1, nº. 1, Julho/2015.

PORTO, Humberta Gomes Machado. Currículos, programas e projetos pedagógicos. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2017.

SANTOS, Pricila Kohls dos; SANTOS, Elisângela Ribas dos; OLIVEIRA, Hervaldira Barreto de. Educação e tecnologias [recurso eletrônico]; [revisão técnica: Marcia Paul Waquil]. – Porto Alegre : SAGAH, 2017.

SERRAZES, Karina Elizabeth; CORRÊA, Rubens Arantes. Políticas da Educação básica. Batatais, SP: Claretiano, 2013.

SILVA, Marco; NASCIMENTO, Claudio Orlando Costa do; ZEN, Giovana Cristina. (orgs). Didática abordagens teóricas contemporâneas. Salvador: EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 2019.